

## CULTURA HISTÓRICA E A ARTE QUADRINIZADA: REFLEXÕES SOBRE O DIÁRIO DE ANNE FRANK EM QUADRINHOS

Mirielen Machado Rodrigues<sup>1</sup>

1. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

### RESUMO

O presente trabalho investiga a adaptação em quadrinhos do livro O Diário de Anne Frank (1947) publicado em 2017 pela editora Record. A reflexão desta história será feita entorno do conceito de Cultura Histórica de Jörn Rüsen e de conceitos gerais de análises de quadrinhos na história, tendo como principal objetivo explorar e problematizar o quadrinho enquanto espaço público ocupado pelo conhecimento histórico onde as dimensões da Cultura Histórica se manifestam e orientam a narração.

**Palavras-chaves:** Cultura histórica, História em quadrinhos e O Diário de Anne Frank.

### ABSTRACT

The present work investigates the comic adaptation of the book O Diário de Anne Frank (1947) published in 2017 by Record Publishing House. The reflection of this history will be made around the concept of Historical Culture by Jörn Rüsen and general concepts of analysis of comics in history, with the main objective of exploring and problematizing the comic book as a public space occupied by historical knowledge where the dimensions of Historical Culture are manifested and guide the narration.

**Keywords:** Historical culture, Comic and Anne Frank's diary.

## 1. INTRODUÇÃO

“O diário de Anne Frank”, postumamente publicado em 1947, é um livro que ganhou vida através dos relatos cotidianos de Anne Frank no período em que esteve escondida junto com sua família durante a Segunda Guerra Mundial. Anne Frank era uma menina de 13 anos judia que junto com sua família e milhares de judeus foram vítimas do antissemitismo liderado por Adolf Hitler, na Alemanha. Naquele período, diversas famílias de judeus estavam sendo oprimidas pelo estado nazista, e muitas não conseguiam buscar refúgio em outros países, como foi o caso da família Frank.

No dia primeiro de setembro de 1939, o exército alemão invadiu a Polônia e com isso

teve início a Segunda Guerra. Alguns meses depois, os alemães invadiram a Holanda e ocuparam o país. Foi assim que a Família Frank foi detida pelos nazistas, visto que as fronteiras estavam todas cercadas. Desta forma, como em outros lugares, os alemães tomaram medidas rigorosas contra os judeus, como a demissão de cargos públicos, a “arianização” ou “desjudaísmo” tanto na economia quanto na sociedade, que levou a população judia a perder seus direitos civis.

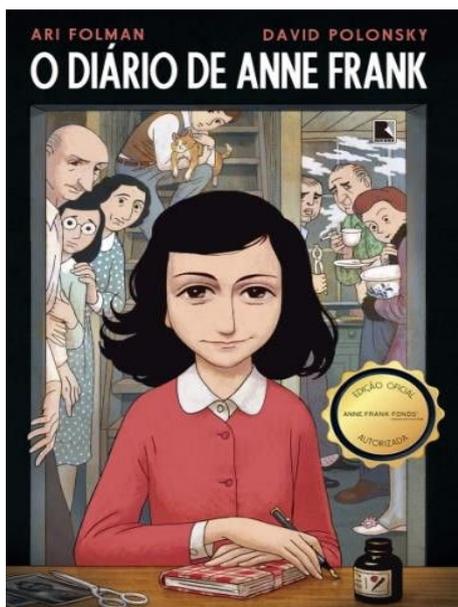
Em 1942 chegaram as primeiras convocações dirigidas aos judeus, que deveriam ser enviados aos campos de trabalhos forçados. Margot, irmã mais velha de Anne Frank recebe uma destas convocações, que faz com que a família se apresse em adiantar a fuga para o anexo secreto que já estava sendo organizada por Otto Frank, pai de Anne, há algum tempo. Durante mais de dois anos Anne Frank escreveu em seu diário sobre seu cotidiano e sobre a guerra, no dia 04 de agosto de 1944 a Família Frank acabou sendo traída e pega pelos nazistas e encaminhada aos campos de concentração.

Após a confirmação da morte de suas duas filhas e de sua esposa Edith, Otto Frank volta para Amsterdã e recebe de Miep Gies, uma das pessoas que ajudou a família a se esconder o diário que Anne escreveu durante todo o tempo que esteve escondida. Logo após ver todos os relatos que a filha escreveu em seu diário, Otto buscou publicar seus relatos e após sua primeira publicação em 1947 surgiram diversos estudos em relação ao diário de Anne.

## **2. O DIÁRIO DE ANNE FRANK EM QUADRINHOS**

Com a representatividade da história de Anne, a instituição Anne Frank Fonds, sediada em Basileia, Suíça, procurou Ari Folman para fazer uma adaptação da história de Anne para um quadrinho, com ilustração de David Polonky, o desafio agora era em poucas páginas ilustrar e mostrar a história de Frank de uma nova forma, e que chegasse a mais pessoas. O objetivo principal era trazer novamente todos os relatos descritos por Anne em forma de quadrinho, trazendo uma nova linguagem a sua história. Segundo o autor reler o diário de Anne agora adulto foi uma experiência atordoante e encantadora (FOLMAN, Ari. 2017, p. 154), pois é incrível como uma garota de apenas 13 anos era tão madura na sua forma de ver mundo.

Tanto Ari Folman como David Polonky queriam fazer com que os relatos de Anne Frank fossem ilustrados de forma justa e integral, sem pular uma só palavra do que Anne escreveu. Deste modo, os autores adotaram um princípio básico de que a cada trinta páginas do diário se tornariam dez na versão ilustrada e muitos registros seriam agrupados. Os autores enfatizam que o maior esforço foi preservar o humor, o sarcasmo e a maturidade que Anne tinha ao escrever.



**Figura 1.** Capa do Diário de Anne Frank em quadrinhos.  
Fonte: (FOLMAN; POLONSKY, 2017).

### 3. QUADRINHO E SUA HISTÓRIA

As histórias em quadrinhos são uma das manifestações do ser humano que se desenvolveu ao longo do tempo abordando em suas histórias cada vez mais temas sobre a sociedade, tendo como principal função comunicar ideias. Imagens são informações recebidas, ninguém precisa de uma educação formal para entender a mensagem dos quadrinhos, pois ela é instantânea (MCCLLOUD, 1995, p.40). Uma das primeiras manifestações dessa arte segundo Scott McCloud foram primeiramente encontradas em desenhos feitos em cavernas pré-históricas, onde o ser humano descrevia seu cotidiano em uma espécie de “sequência” através da pintura rupestre.

Para definir e entrar em um consenso do que é ou não um quadrinho é preciso passar por uma longa discussão, pois, para cada conceito existe uma definição junto com diversos

argumentos que caracterizam um quadrinho. Uma das definições é a de Will Eisner que ao longo do seu livro “Desvendando os quadrinhos” expõe as dificuldades de se fazer uma definição precisa dos quadrinhos. Para ele os quadrinhos são “Imagens pictóricas ou de outra espécie justapostas em uma sequência deliberada, com a intenção de transmitir informações ou produzir uma reação estética no espectador/leitor”, onde quando dispostas individualmente são apenas imagens que muitas vezes não possuem significado, mais quando são colocadas em sequência elaboram uma narrativa e desenvolvem uma história onde se torna fácil compreender sua mensagem e entender sua história.

Outra discussão assídua é onde as primeiras histórias em quadrinhos surgiram. Vários países reivindicam para si a criação dos primeiros quadrinhos. Segundo Nobu Chinen em seu livro “Linguagem HQ: conceitos básicos” em 1995 foi criado um comitê de especialistas que se reuniram para estudar e chegar a um consenso de onde haviam surgido as primeiras histórias em quadrinhos levando em conta as características básicas. A série americana Yellow Kid criada em 1895 por Richard Felton Outcault, foi considerada a primeira história em quadrinhos produzida, onde possuía personagens, uma narrativa com imagens e diversas características que a colocavam na categoria de uma história em quadrinhos. Para Waldomiro Vergueiro (2012) os quadrinhos podem introduzir discussões, aprofundar conceitos, ilustrar pensamentos e representar contraponto de ideias, sendo possível encarar os quadrinhos como uma espécie de espaço mediador de experiências “históricas”.

#### **4. CULTURA HISTÓRICA COMO CATEGORIA DE ANÁLISE**

No Brasil, a contribuição teórica do filósofo alemão Jörn Rüsen vem ajudando em vários estudos sobre história, tendo várias obras e artigos traduzidos e publicados no Brasil. Para Rüsen, o pensamento histórico está no nosso cotidiano e se manifesta de diferentes formas, através de concepções científicas e em diferentes espaços de formação do pensamento histórico.

Rüsen traz cinco princípios que estariam presentes em todo pensamento e conhecimento histórico, enraizados no trabalho historiográfico. Seriam eles: Interesses, Ideias, Métodos, Formas e Funções. Esta organização segundo Wilian (2017) busca separar e dar visibilidade aos princípios e permite à teoria da história criar uma estratégia metodológica para refletir sobre o modo específico pelo qual tanto o pensamento histórico,

quanto à historiografia acadêmica, constituem sentido sobre a experiência do tempo, ou seja, possibilita à teoria da história refletir sobre a ligação existente entre a história, como produto historiográfico, e as carências de seu tempo.

Assim, a contribuição mais marcante na teoria da história de Rüsen consiste na descrição e explicação tanto no pensamento histórico quanto na historiografia acadêmica. Rüsen constrói para dar fundamento a isso o conceito de matriz disciplinar da ciência histórica. A matriz disciplinar busca abranger todos os elementos essenciais presentes na produção de histórias pelos historiadores profissionais que marcaram o debate sobre a história e o conhecimento histórico, principalmente nos anos 80 (ASSIS, 2010).

Rüsen em sua teoria traz diferentes reflexões sobre a ciência histórica, carências, métodos de pesquisa empírica, narrativa e consciência histórica, e sobre a Cultura Histórica. A Cultura Histórica é um fenômeno coletivo que está em constante diálogo com uma cultura mais ampla, se relacionando com meios mais eficientes e abrangentes de comunicação.

Podemos apontar que a cultura histórica no presente diverge das anteriores (do passado) por conter em si um sistema mais eficiente de meios de comunicação de massa (televisão, rádio, revistas, internet, livros, cinema), produtos de uma indústria cultural com maior amplitude de circulação, além de conter em si um contexto social de maior acesso universitário e produtos e eventos que derivam do conhecimento histórico científico (teses, dissertações, artigos, revistas, revistas online, congressos, palestras, entrevistas, documentários, etc.) (BARON, 2017, p. 05).

A Cultura Histórica pode ser compreendida a partir de cinco dimensões: a dimensão cognitiva, estética, política, moral e religiosa. A dimensão cognitiva é caracterizada pelo conhecimento científico e de fundamentação empírica, a dimensão estética traz critérios de sensibilidade, beleza, atração, a dimensão política relaciona-se com a potencialidade de servir a interesses, jogos de poder, a dimensão moral se caracteriza pelas normas éticas e morais do presente sobre as representações/produtos relacionados ao passado e a dimensão religiosa que se refere à subjetividade humana, quando as ideias históricas se apresentam, ou são interpretadas, no presente, a partir de critérios transcendentais, teleológicos, remetendo a noções tais como salvação, morte, céu, inferno, espiritualidade. Desta forma, a cultura histórica é a articulação, percepção, interpretação, orientação no tempo, sendo determinante na vida humana, uma síntese dos conhecimentos históricos (comum e científico) como prática dispostos no interior da sociedade e adquirido por diferentes meios, como por exemplo em livros, histórias em quadrinho, dentre outros, sendo um conhecimento histórico comum “não científico” que diz respeito a informações não

científicas dispostas na sociedade e que orientam e dão sentido a uma ideia de passado, por isso não apresentam o rigor da metodologia científica.

La cultura histórica se refiere por tanto a una manera particular de abordar interpretativamente el tiempo, precisamente aquella que resulta en algo como 'historia' en cuanto contenido de la experiencia, producto de la interpretación, medida de orientación y determinación de la finalidad. (RÜSEN, 1994, p.6)

Assim é possível refletir como a narrativa histórica é apropriada no universo dos quadrinhos, onde os quadrinhos constituem uma espécie de “vulgata” – um elemento facilitador, um dinamizador, uma ferramenta de mediação no processo de construção do conhecimento “sério”, “real”, “científico” – em nome de uma possibilidade complementar: a de que artefatos culturais agem, também, no processo de legitimação e difusão do saber científico em sua dimensão pública levando a novas reflexões de como as produções quadrinizadas se relacionam com a ciência da história e até que ponto os quadrinhos são produtores de conhecimento histórico e seu espaço na mobilização da cultura histórica (SANTOS, 2018). O quadrinho é um espaço de construção de sentido, pois traz em suas histórias uma ideia de passado que orienta as pessoas. O *Diário da Anne Frank em quadrinhos* utiliza-se de uma “Cultura visual” e traz uma concepção de passado experienciado por ela durante o período em que esteve escondida e podemos usá-la como exemplo para algumas decisões na nossa vida prática, ou construção de uma ideia de mundo, assim como criar uma opinião, seja ela positiva ou negativa sobre a guerra.

Desta maneira, a cultura histórica se manifesta uma faceta especial da “práxis cultural” (SANTOS, 2018) presente no processo de elaboração do passado recordado: passado como condições para a compreensão do presente e para a expectativa de futuro, numa estrutura coerente de sentido, numa história”. (Rüsen, 2014, p.101). Assim, utilizaremos metodologicamente as dimensões da cultura histórica como categorias na constituição do quadrinho analisado. Utilizarei o quadro “Tipologia - definições para as diferentes dimensões de Cultura Histórica” (SANTOS, 2018) que gerou um quadro referencial analítico construído segundo a autora com o auxílio da literatura voltada à análise técnica dos quadrinhos.

**Quadro 1.** Tipologia - definições para as diferentes dimensões de Cultura Histórica: síntese esquemática dos conceitos presentes na teoria da história de Jörn Rüsen.

DIMENSÕES DA CULTURA HISTÓRICA	
<b>ESTÉTICA</b>	se refere ao percebido enquanto forma. o passado absorvido e referenciado sem o auxílio de problematização. no quadrinho, encontramos especialmente na construção gráfica do enredo e seu entorno. ex.: bandeira nazista, fotografias reproduzidas graficamente
<b>POLÍTICO/MORAL</b>	busca contar a história na dimensão prática: discussão ou menção à motivações para a ação dos personagens e sua relação direta ou indireta com a história ciência.atribuição de "responsabilidades"ao passado.
<b>COGNITIVA</b>	ciência histórica: conceitos estudados pela ciência da história. fundamentadas pelas pesquisas incluídas nos quadrinhos, seja de maneira direta (por notas de rodapé e referências a historiadores e/ou marcos e documentação), ou indireta (quando o autor coloca sua experiência sobre este passado na forma de memória ou interpretação histórica) marcos temporais e personagens históricos referenciados e que servem para estabelecer uma linha temporal para o enredo.

Fonte: (SANTO, 2018).

Utilizaremos o quadro acima para localizar os diferentes usos públicos do passado na dimensão estética e cognitiva. Para este texto, analisamos dois momentos em que a adaptação da história da Anne Frank movimentava essas dimensões. Nas primeiras páginas do quadrinho temos Anne Frank contando sua história antes de serem obrigados a se esconderem dos nazistas em Amsterdã. Ao longo de seu discurso podemos observar sua descrição e opinião e sobre o período de guerra.



**Figura 2.** Anne, sua mãe e sua irmã passam pelos nazistas.

Fonte: (FOLMAN; POLONSKY, 2017).

Aqui podemos perceber a manifestação das dimensões estética e cognitiva, além de outros elementos gráficos da composição dos quadrinhos. Primeiramente temos uma mudança na paleta de cores para mostrar o grupo nazista, utilizando-se de cores fortes e escuras, enquanto para representar Anne Frank, sua mãe e sua irmã utilizam-se cores mais claras e leves. Observamos também o modo que o desenho é feito, pois temos a cena dos nazistas e elas estão fora do plano do desenho, como se fosse desenhada encima, como se elas não fizessem parte daquilo. O olhar triste de ambas ao passarem pelo grupo também mostra que aquilo não fazia parte delas, mostrando que em relação ao grupo de pessoas de trás, elas eram minoria. Segundo Janaina (2018) a dimensão estética se refere ao passado absorvido e referenciado sem o auxílio de problematização. No quadrinho, encontramos especialmente na construção gráfica do enredo colocando como exemplos elementos gráficos na sua composição. No quadrinho de Anne Frank um dos elementos gráficos que mais aparece é a bandeira com a suástica nazista. Na cena acima podemos perceber como a bandeira faz parte da cena, elas estão estampadas perto do grupo nazista e fazem referência a atual situação vivenciada no quadrinho. A suástica nazista é o símbolo usado pelo partido nazista, liderado por Hitler e que passou a ser reconhecida durante a Segunda Guerra Mundial, sendo um elemento usado em histórias que falam desse período, por ter uma cultura visual muito forte. A bandeira também em diversas outras cenas no quadrinho, como a abaixo onde temos a suástica nazista novamente, representando que os nazistas estavam queimando os livros.



**Figura 3.** Os nazistas queimam os livros.  
Fonte: (FOLMAN; POLONSKY, 2017).

Na figura 1 também temos a fala da Anne trazendo uma informação sobre os judeus, explicando que quando os nazistas chegaram a sua maior intenção era exterminar os judeus, mesmo eles sendo menos de 1% da população. Aqui temos a manifestação da dimensão cognitiva pois Anne traz uma informação que pode ser provada através de trabalhos científicos. Essas informações podem aparecer de maneira direta (por notas de rodapés e referências a historiadores e/ou marcos e documentação), ou indireta (quando o autor coloca sua experiência sobre este passado na forma de memória ou interpretação histórica) (SANTOS. p.07, 2018), sendo possível visualizar que a dimensão estética e a cognitiva se manifestam nas primeiras páginas do quadrinho da história de Anne Frank.

## REFERÊNCIAS

**Anne Frank House.** Disponível em: <<https://web.annefrank.org/pt/Anne-Frank/>>. Acesso em: 27 Maio. 2020.

ASSIS, Arthur. **A teoria da história de Jörn Rüsen: uma introdução.** Vol. 2. Ed. UFG, 2010.

BAROM, William Carlos Cipriani. Os principais conceitos da teoria da história de Jörn Rüsen: uma proposta didática de síntese. **Albuquerque.** V. 9, N. 18 (2017): Dossiê História indígena: o campo interdisciplinar renovado. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/5780>>. Acesso em: 28 Jun. 2021.

BONIFACIO, Selma de Fátima. **História e(m) quadrinhos: análises sobre a História ensinada na arte sequencial.** Dissertação (Mestrado em Educação). Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2005.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Holocausto: crime contra a Humanidade.** São Paulo: Ática, 2005.

CHINEN, Nobu, **Linguagem HQ: conceitos básicos.** Editora Criativo, São Paulo, 2011.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank.** Edição integral. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

FOLMAN, Ari; POLONSKY, David. **O diário de Anne Frank.** 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2017.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos.** São Paulo Makron Books, 1995.

ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca. (Orgs.). **O ensino de história em questão: cultura histórica, usos do passado.** Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2015.

RÜSEN , Jörn. **Que és la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la história.** Tradução de F. Sánchez Costa e Ib Schumacher. Disponível em: [www.culturahistorica.es/rusen.english.html](http://www.culturahistorica.es/rusen.english.html).

SANTO, Janaina de Paula do Espírito. **Segunda Guerra Mundial em Mangá: um estudo de Cultura Histórica.** Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, 2018.